

# **Desigualdade de género na disseminação científica: uma análise da representação das investigadoras a partir do repositório “Mulher Não Entra”**

Ricardo Morais  
Universidade da Beira Interior/LabCom  
IADE-Universidade Europeia  
ricardo.morais@labcom.ubi.pt

## **Resumo**

Neste trabalho propomo-nos analisar a representação das mulheres na ciência, considerando em particular a sua presença em eventos científicos. Se é verdade que são vários os estudos e relatórios que apontam para uma tendência de crescimento no número de mulheres que entra no ensino superior, desenvolve estudos ao nível do doutoramento e prossegue uma carreira na área da investigação, importa recordar as muitas desigualdades de género que continuam a afetar o campo científico. Desde a entrada no mercado de trabalho científico e tecnológico, aos cargos de investigação ocupados, passando pelas diferenças salariais, há ainda muito a ser feito para que se possa afirmar que existe verdadeiramente igualdade entre homens e mulheres. As desigualdades de género têm persistido e é por isso importante que a vontade de as estudar também se mantenha, porque dela depende a identificação dos problemas e o conhecimento necessário para continuar a promover a igualdade. É nesse sentido que surge este trabalho, como mais um pequeno contributo, alertando em particular para o facto de as mulheres estarem a ser sub-representadas em conferências, encontros e congressos científicos. É pelo menos isso que indicam os dados recolhidos a partir do repositório “Mulher Não Entra” e que exploramos neste estudo.

## **Palavras-chave**

Eventos científicos; Desigualdades de género; Mulheres na ciência

## **Introdução**

Os encontros científicos são um espaço privilegiado para os investigadores darem a conhecer o seu trabalho e para que todos aqueles que neles partici-

pam se mantenham atualizados em relação à investigação que se encontra a ser desenvolvida. São por isso uma fonte importante para quem procura novos conhecimentos, na medida em que permitem o aprofundamento do saber, ao reunirem diferentes investigadores, académicos, profissionais, mas também estudantes com interesses comuns. Assumem-se assim como lugares de interação e partilha entre os diferentes intervenientes que fazem parte do mundo académico e científico. Neste, que é um contexto de diversidade, em que múltiplos atores se cruzam, todas as ausências são notadas e ganham destaque, porque elas representam a forma como o conhecimento se constrói.

Acreditamos por isso que os congressos, as palestras, os encontros científicos, são lugares onde é fundamental assegurar e promover a igualdade de género, porque garantido igualdade entre homens e mulheres nestes espaços é garantir uma partilha de conhecimento e uma construção de saber sem desigualdades. No entanto, e apesar das mudanças e da evolução que se tem verificado nos últimos anos, a desigualdade entre homens e mulheres no universo da ciência continua a preocupar. Se os principais relatórios sobre o tema chamam a atenção para a reduzida percentagem de mulheres nos cargos académicos e de tomada de decisão, mas também para diferentes desequilíbrios ao nível das condições laborais, neste trabalho alertamos apenas para a desproporção que se verifica ao nível da disseminação científica, considerando para essa avaliação a presença de mulheres em eventos públicos e científicos. Avaliar a representação das mulheres nos eventos científicos é assim o objetivo primeiro deste trabalho. Para a sua concretização analisam-se os cartazes dos eventos publicados no repositório “Mulher Não Entra” e considera-se como hipótese a existência de uma clara desproporção entre o número de mulheres e homens que assumem o papel de oradores nos diferentes eventos.

Em termos de estrutura o trabalho encontra-se organizado em três momentos. Primeiro apresentam-se alguns dos dados mais relevantes relativos às questões de género na investigação e que têm sido recolhidos pelos principais organismos a nível europeu. Apresentam-se de seguida os procedimentos metodológicos, para se encerrar o trabalho com a apresentação dos principais resultados obtidos.

## A questão de género na investigação

De acordo com o estudo “*She Figures 2018*”, conduzido pela Comissão Europeia, têm sido dados passos importantes no que diz respeito ao equilíbrio entre géneros, nomeadamente entre os estudantes de doutoramento. O relatório realça que em 2016 as mulheres já representavam 47,9% dos doutorados a nível da UE, sendo que alguns países superavam mesmo esta percentagem, como o caso de Portugal, que tinha 55% de mulheres entre os doutorandos. Importa, no entanto, considerar que esta percentagem representa, no caso português, uma diminuição em relação ao ano de 2007, quando a proporção de mulheres entre os doutorandos era de 61,2% (European Commission, 2019, p. 20).

Apesar desta oscilação, o país tem crescido acima da média da Europa, mas tal como o relatório também destaca, continuam a existir áreas científicas ou campos do saber onde as mulheres, a nível europeu, permanecem sub-representadas, como é o caso das Tecnologias da Informação e Comunicação (21%) e dos domínios da Engenharia, Produção e Construção (29%). Estas são também as duas áreas onde existe menor percentagem de estudantes de doutoramento mulheres no contexto português, ainda que os números sejam ligeiramente superiores, com 28% nas Tecnologias da Informação e Comunicação e 37% nos domínios da Engenharia, Produção e Construção (European Commission, 2019, p. 23).

Importa também realçar que de acordo com os dados do estudo “*She Figures 2018*”, a maioria dos profissionais e técnicos da UE-28 são mulheres com formação superior, existindo, no entanto, algumas áreas, como a Engenharia, onde continuam a ser minoritárias, apesar de se ter assistido, entre 2013 e 2017 a um aumento do número de mulheres neste campo. Os dados do relatório destacam também que em termos de mercado de trabalho, mesmo quando as mulheres possuem formação superior, têm maior probabilidade de ficar desempregadas, sendo que em 2017, a taxa de desemprego das mulheres com ensino superior era de 3,8%, enquanto para os homens era apenas de 2,9% (European Commission, 2019, p. 6). Também as condições de trabalho no ensino superior são desiguais, com as mulheres a terem mais contratos precários e trabalhos a *part-time* em relação aos homens. Ainda de acordo com o relatório, as mulheres continuam a progredir mais lentamente na carreira quando comparadas com os homens, para além de permanecerem sub-representadas nas posições de decisão, nomeadamente ao nível das che-

fias das instituições de ensino superior. Analisando os diferentes resultados do estudo, percebemos que Portugal surge como um dos países que no seio da UE mais tem evoluído, com um aumento do número de mulheres na investigação científica e várias medidas que procuram ajudar a diminuir as assimetrias.

É partindo destes dados que neste trabalho decidimos analisar a representação das mulheres na ciência, considerando em particular a sua presença em eventos públicos e científicos. Centramo-nos na componente da disseminação da investigação, considerando que em termos de redação, Portugal é um dos países, no contexto da UE-28, onde a diferença ao nível da redação de artigos científicos tem vindo a diminuir. A questão que se coloca é então a de saber se em termos de presença em eventos públicos e científicos existem diferenças entre homens e mulheres? Teremos uma tendência semelhante aquela que encontramos no campo das publicações, das patentes, da liderança de projetos, onde os homens ainda continuam a ser predominantes?

## **Metodologia e desenho da investigação**

Como tivemos oportunidade de verificar são várias as instituições preocupadas com a desigualdade de género na investigação e que continuam, por isso, a acompanhar de perto um conjunto de indicadores determinantes para conhecer uma área tão vasta e complexa como a da ciência (European Commission, 2019; Elsevier, 2019, OECD, 2017). Neste contexto, o trabalho que nos propusemos realizar constitui apenas um modesto contributo para que se continue a refletir sobre as desigualdades na investigação, uma vez que consideramos aqui, apenas e só, o momento da divulgação em eventos científicos.

Estes encontros são determinantes em qualquer plano e estratégia de investigação, uma vez que permitem aos investigadores dar a conhecer o seu trabalho, mas também interagir com os seus pares e estabelecer pontes para novas investigações. Entendemo-los, portanto, como um importante espaço para a apresentação e partilha de conhecimentos, mas também para a formação dos jovens investigadores que a eles assistem e a partir dos quais desenvolvem, muitas vezes, os seus projetos de mestrado e doutoramento.

Apesar de vivermos numa época em que as principais tendências apontam para a “substituição paulatina do livro pelo artigo científico como veículo de difusão do conhecimento, como da epístola pelo congresso, e mais recente-

mente por redes sociais de nicho como modo de discussão e difusão de trabalhos em curso” (Gradim & Morais, 2016, p. 42), acreditamos que os eventos científicos continuam a ter a sua importância, sobretudo se considerarmos que através de um programa de um encontro ou congresso científico são várias as perceções que se podem tirar sobre as temáticas abordadas e os atores que as estudam.

O objetivo deste trabalho passa então por analisar esses eventos científicos, a partir daqueles que são os suportes privilegiados para a sua divulgação, os cartazes, sejam eles impressos ou digitais, e aí avaliar a representação das mulheres, ou seja, qual a proporção de investigadoras que integra os diferentes eventos científicos. Na impossibilidade de considerar os milhares de encontros científicos que anualmente se realizam em Portugal, a análise foi realizada tendo como ponto de partida o repositório “Mulher Não Entra” , um “repositório da não presença de mulheres no espaço público, mediático e académico” . Em funcionamento desde o final de 2015, este portal, que resulta de uma ideia de David Crisóstomo, Gonçalo Sousa e Filipe Henriques, a que se juntaram Ana Martins, Diana Barbosa e João Gaspar, tem como inspiração o Tumblr “*All Male Panels*” <sup>1</sup>.

Para a análise realizada foram assim consideradas todas as publicações apresentadas na página e que dizem respeito ao período que vai de 2015 até 2020. Cada publicação foi então codificada de acordo com as seguintes categorias:

1. Data
2. Nome do evento
3. Tipologia do evento
4. Organização do evento
5. Área científica

---

<sup>1</sup>De acordo com informações disponíveis no artigo intitulado “Mulher Não Entra: até onde vai a desigualdade de género?” , publicado a 09 de janeiro de 2017, por Ana Maria Henriques, no P3. O artigo encontra-se disponível em [url] <https://www.publico.pt/2017/01/09/p3/noticia/mulher-nao-entra-ate-onde-vai-a-desigualdade-de-genero-1827486>

6. Número total de oradores
7. Presença/ausência de investigadoras

Com os dados que foram recolhidos procurámos não apenas concretizar o objetivo da investigação, mas também aferir a validade da hipótese que colocámos no início da pesquisa e que considerava a existência de uma sub-representação das mulheres ao nível dos eventos científicos.

## **Apresentação e discussão dos resultados**

Depois de no ponto anterior termos apresentado os procedimentos metodológicos que guiaram a recolha dos dados, expomos agora alguns dos principais resultados que foi possível obter com a análise realizada. Entre 2015 e 2020 identificámos um total de 243 publicações no repositório “Mulher Não Entra”.

Figura 1. Exemplo de publicação de cartaz de evento



No âmbito do XXXI Congresso Internacional de Economia Aplicada, ASEPELT 2017, que terá lugar no ISEG, entre 5 e 8 de Julho de 2017, a Comissão Organizadora tem o prazer de o/a convidar a assistir às 2 Mesas Redondas integradas no programa do Congresso:

**DIA 6 JULHO | 11:30 às 13:00 | ISEG – Auditório CGD**

**MESA REDONDA I - CONSEGUE A EUROPA CRESCER COM DÉFICES ORÇAMENTAIS ABAIXO DOS 3%?**

Oradores convidados:

**João Ferreira do Amaral** | Professor Catedrático do ISEG

**José Ramos Pires-Manso** | Professor Catedrático da Universidade da Beira-Interior

**Vitor Bento** | CEO da SIBS Pagamentos; Professor Convidado da Universidade Católica Portuguesa

Moderador:

**José Ramos Pires-Manso** | Professor Catedrático da Universidade da Beira-Interior

**DIA 7 JULHO | 12:00 às 13:30 | ISEG – Auditório CGD**

**MESA REDONDA II - A QUADRATURA DO CÍRCULO: SUSTENTABILIDADE DO SISTEMA FINANCEIRO E CRESCIMENTO DA ECONOMIA**

Oradores convidados:

**António Ramalho** | Presidente do Novo Banco

**Licínio Pina** | Presidente do Crédito Agrícola

**Paulo Macedo** | Presidente da Caixa Geral de Depósitos

**João Pedro Borges** | Presidente do Crédito Agrícola Seguros

Entrada livre.

Fonte: <https://mulhernaoentra.tumblr.com>

Importa realçar desde logo que foram consideradas todas as publicações, nomeadamente aquelas que não dizem respeito apenas a cartazes de conferências ou eventos, mas a capas de jornais onde são destacados por exemplo auscultações públicas feitas a determinadas figuras sobre as mais variadas temáticas (Figura 2).

Figura 2. Exemplo de publicação de capa de jornal



Fonte: <https://mulhernaoentra.tumblr.com>

Assim, nas 243 publicações consideradas, os autores da página identificaram um total de 3264 participantes/oradores, dos quais apenas 303 são mulheres, ou seja, apenas 9,3% dos eventos conta com a participação de mulheres. Os dados já dizem muito sobre a presença de mulheres nos diferentes eventos, mas importa centrar a atenção naqueles que em termos de tipologia podem ser considerados como encontros ou eventos científicos, uma vez que é a vertente da investigação científica que analisamos neste trabalho. Verificamos então que das 243 publicações, 154 dizem respeito a cartazes de eventos que não têm cariz científico, sendo aqui a dimensão científica atribuída pelo organizador, ou seja, referimo-nos a eventos que não são organizados por Instituições de Ensino Superior ou Unidades de Investigação. Neste sentido, identificámos que apenas 89 se referem a eventos científicos. Apesar de neste trabalho o



foco ser a investigação científica, é interessante verificar como as desigualdades são promovidas também por instituições com particular responsabilidade, como por exemplo, a própria Assembleia da República.

Figura 3. Cartaz de evento promovido pela Comissão de Defesa Nacional

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA | Comissão de Defesa Nacional

**PROGRAMA**

**CONFERÊNCIA**  
**AS FORÇAS ARMADAS**  
**E AS MISSÕES DE INTERESSE PÚBLICO**

10h00 **ABERTURA**  
 Eduardo Ferro Rodrigues, Presidente da Assembleia da República  
 Marco António Costa, Presidente da Comissão de Defesa Nacional

MODERADOR: Júlio Miranda Calha, Vice-Presidente da Comissão de Defesa Nacional

10h30 **PAINEL I**  
 Miguel Alcañiz Comas, Comandante de la Unidad Militar de Emergencias de España  
 Fernando Paiva Monteiro, Tenente-General  
 Álvaro Cunha Lopes, Vice-Almirante

DEBATE

12h00 INTERVALO

12h15 **PAINEL II**  
 Manuel Taveira Martins, General  
 José Pinto Ramalho, General  
 Fernando Melo Gomes, Almirante

DEBATE

13h45 **ENCERRAMENTO**  
 Júlio Miranda Calha, Vice-Presidente da Comissão de Defesa Nacional

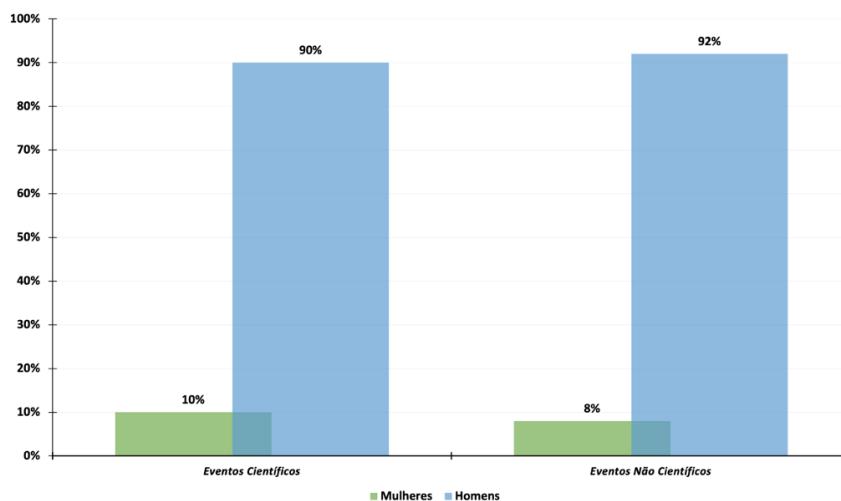
Sala do Senado | 30 de maio de 2018

#MULHERNÃOENTRA  
 mulhernaoentra.tumblr.com  
 @mulhernaoentra  
 /mulhernaoentra

CONFERÊNCIA

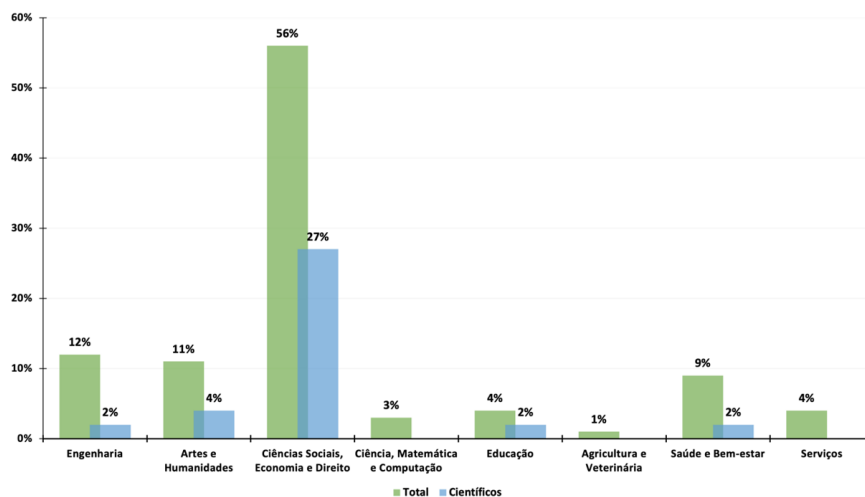
Mas voltando aos 89 cartazes dos eventos científicos, podemos verificar que participaram desses encontros um total de 1266 oradores, sendo que apenas 128 foram mulheres. Quer isto dizer que apenas 10% dos participantes nestes eventos são mulheres, o que representa uma evidente desigualdade em termos de género. O número é superior ao que encontramos nos eventos não científicos, uma vez que de um total de 2188 oradores, apenas 175 são mulheres.

Gráfico 1. Proporção de mulheres e homens nos cartazes dos eventos



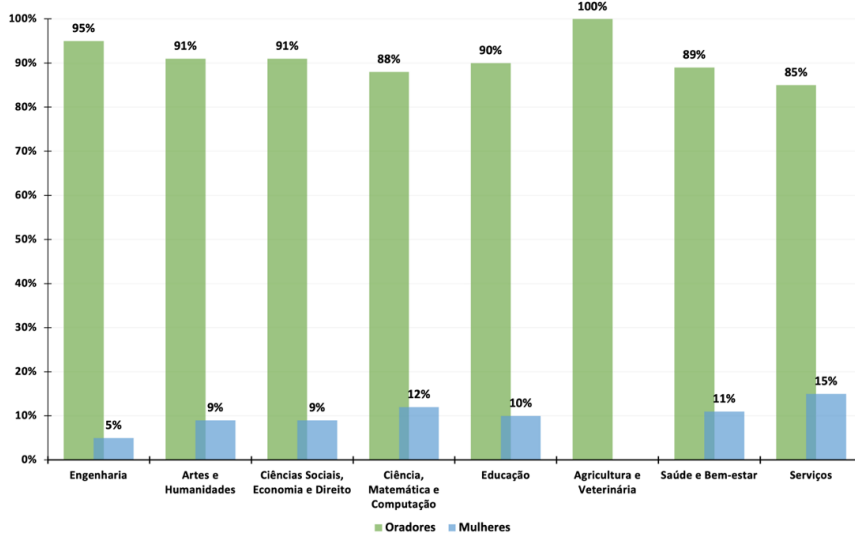
Depois de olharmos para o conjunto dos dados, tentámos perceber se existem diferenças entre temáticas, ou seja, se existe maior presença de mulheres nos cartazes de determinados eventos em função dos assuntos que são abordados. Nesse cruzamento voltamos a considerar não apenas os eventos científicos, mas também todos os indicadores recolhidos em relação a todos os encontros, estabelecendo dessa forma uma comparação.

Gráfico 2. Distribuição da totalidade dos eventos e dos encontros científicos por temática

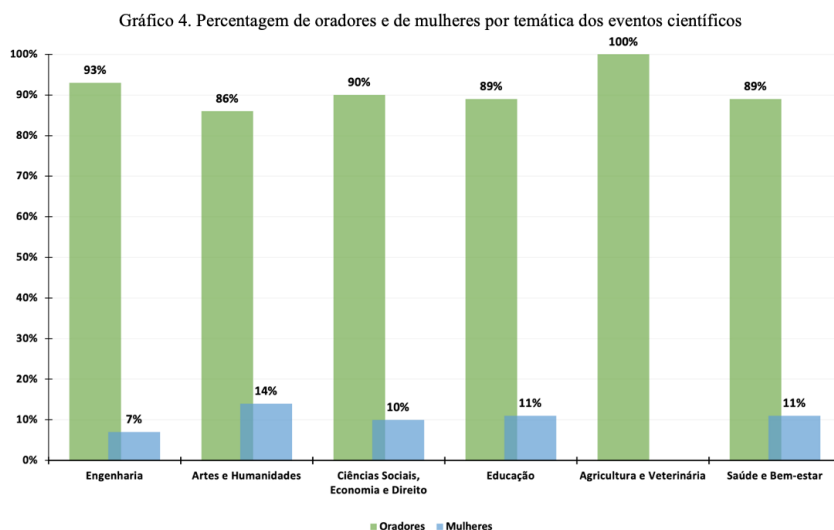


No gráfico podemos verificar que é em torno das “Ciências Sociais, Economia e Direito” que encontramos a maioria dos cartazes dos eventos partilhados na página, sejam eles ou não científicos. Seguem-se os eventos ligados às temáticas da “Engenharia”, das “Artes e Humanidades” e da “Saúde e Bem-estar”. Observando em particular o número de participantes/oradores de cada evento e a presença de mulheres, depressa percebemos que apesar de ligeiras oscilações, a percentagem de mulheres que participam dos eventos é muito reduzida, nunca ultrapassando os 15%, e atingindo esse valor apenas numa das temáticas. Existem mesmo eventos de temáticas onde as mulheres não marcam qualquer presença.

Gráfico 3. Percentagem de oradores e de mulheres por temática dos eventos



Se deixarmos de lado todos os eventos identificados na página e nos concentrarmos apenas naqueles que têm um cariz científico, verificamos que a situação não se altera, mantendo-se uma percentagem muito reduzida, quase sempre na casa dos 10%.



Apesar de não existirem grandes diferenças em relação aos eventos considerados não científicos, importa destacar que por exemplo nos encontros que abordam temáticas no âmbito da área das “Artes e Humanidades”, o número de mulheres aumenta cinco pontos percentuais.

Em suma, considera-se que a presença de mulheres nos eventos científicos é muito reduzida, revelando uma clara desigualdade em termos de género. Estes dados são particularmente relevantes se nos lembrarmos da percentagem de mulheres que entra no ensino superior e que decide prosseguir uma carreira de investigação. Coloca-se então a questão de saber o que justifica esta sub-representação nos eventos de um modo geral, e em particular nos científicos. Porque continuam as mulheres afastadas destes eventos? Porque persiste uma desigualdade de género num campo onde a percentagem de investigadoras tem vindo a crescer? É para que estas e outras questões não fiquem sem resposta que é importante continuar a investigar, a recolher dados e a interpelar os responsáveis das Universidades, das Unidades de Investigação e os próprios organizadores de eventos.

## Considerações finais

Concluimos este trabalho com a certeza de que nos eventos científicos se registam desigualdades de género muito semelhantes aquelas que encontramos noutras áreas da ciência e para as quais os diferentes relatórios têm chamado atenção. Importa lembrar que a evolução tem sido positiva, mas a igualdade entre homens e mulheres na ciência ainda não é uma realidade, mesmo considerando os esforços que têm sido feitos por vários países da União Europeia, entre os quais se destaca Portugal. As ausências nos mais variados cargos académicos e em particular nos de tomada de decisão não pode ser ignorada, da mesma forma que não podemos esquecer que são ainda muitos os obstáculos, ainda que nem sempre visíveis, que se colocam à progressão das carreiras das mulheres.

Neste contexto, encerramos este trabalho realçando a importância de continuar a investigar nesta área, porque apenas com conhecimento sobre os problemas poderemos encontrar as melhores soluções para os resolver. É também nesse sentido que gostaríamos de finalizar este trabalho destacando o projeto da Universidade de Coimbra (UC), aprovado já este ano, e que pretende precisamente “reforçar a igualdade de género na investigação científica”. Como se pode ler na página da instituição de ensino superior, este projeto foi financiado pelo programa Conciliação e Igualdade de Género no âmbito do EEA Grants – Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu. O apoio concedido a este projeto “GendER@UC – Gender-Equal Research” é um sinal da importância que têm todas as questões da desigualdade de género na investigação. O projeto que será coordenado pelo Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra (IIIUC), tem previstas um conjunto de atividades, sendo destacadas na notícia publicada na página da UC, as seguintes: “o mapeamento de políticas, procedimentos e práticas de igualdade de género em vigor nas unidades de investigação e desenvolvimento (I&D) da Universidade de Coimbra, por forma a identificar lacunas, estabelecer bases para melhorias e inovações e desenhar um plano de ação para este tema; a realização de ações de sensibilização para a necessidade de implementação de medidas de igualdade de género na prática da investigação, sessões sobre “Género e lide-

rança para a excelência em investigação”; e a elaboração de um manual para a comunicação inclusiva na investigação da UC”<sup>2</sup>.

Este conjunto de iniciativas fazem deste projeto um bom exemplo a ser seguido por outras Instituições de Ensino Superior, mas também por parte de outras Unidades de Investigação, mas alertam sobretudo para a necessidade de investir no estudo das múltiplas questões que se colocam quando se fala em desigualdade de género na investigação.

## Referências

Elsevier (2019). *Gender in the Global Research Landscape. Analysis of research performance through a gender lens across 20 years, 12 geographies, and 27 subject areas*. Elsevier’s Research Intelligence

European Commission (2019). *SHE FIGURES 2018. Directorate-General for Research and Innovation*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2777/936>

Gradim, A. & Morais, R. (2016). *Anões aos ombros de gigantes: Desafios contemporâneos na comunicação de ciência*. Lisboa: Livros Horizonte.

OECD (2017). *The Pursuit of Gender Equality: An Uphill Battle*. Paris: OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/9789264281318-en>

---

<sup>2</sup>Informação disponível em [url] <https://noticias.uc.pt/universo-uc/projeto-da-universidade-de-coimbra-reforca-a-igualdade-de-genero-na-investigacao/>